

O VIMARANENSE.

PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS FEIRAS.

PREÇO DA ASSIGNATURA. — Por anno, ou 48 numeros 1\$200 — (com estampilha) 1\$440 rs. — Anuncios por linha 25 — Repetidos 20. — Corres-pondencias 3 rs. — para os senhores Assignantes 20 réis. — Folha avulso 40 rs.

PARTE OFFICIAL.

PRESIDENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS.

AO DUQUE DA TERCEIRA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS.

Meu caro duque.

São poucas as consolações e os lenitivos para dores taes como a que, neste momento, me persegue. E mais uma provação, e durissima, pela qual aproouve a Providencia fazer-me passar.

E raro ter conhecido a maioria das desgraças na idade aberta ás ambições, e ás illusões, de que aquellas costumam proceder. Resigno-me com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle é, não pelo que elle póde valer.

Para fazel-o sobra-me o exemplo da Esposa, que perdi quando apenas começava a apreciar o thesouro, de que me foi dado gosar. Era um coração para a terra e um espirito para o Céu.

Nos quatro annos do meu reinado, eu e os meus povos temos sido companheiros de infortunio. Diz-me a consciencia que nunca os abandonei. Não me abandonam elles hoje, que procuro um conforto e quasi não o encontro senão na Religião, que manda crêr e esperar, e nas lagrimas, que se confundem com as minhas.

Queira o Duque transmittir a expressão do meu sentido reconhecimento as corpo-

rações e aos individuos que, nos dias luctuosos que acabam de transcórre, se lembraram de que, no meio d'elles, ha alguem que padeceu e padece muito.

Creia nos sentimentos de estima e de consideração com os quaes sou seu Sinceramente affeiçãoado

D. PEDRO.

Lisboa, 21 de Julho de 1859.

Ninguem se lembra de vêr em Guimarães uma demonstração de sentimento tão espontanea e geral, como a que hoje se observa em todas as classes.

Mas tambem Portugal ainda não teve um rei que, como o Senhor D. Pedro V., no auge dos mais crueis soffrimentos da vida, se voltasse para o seu povo a dizer-lhe: as lagrimas que choraes comigo são um balsamo consolador para o meu coração afflicto.

Sua Magestade, na carta que ahi fica transcripta, lamenta que elle e os seus povos, nos primeiros quatro annos do seu reinado, tenham sido companheiros d'infortunio.

Na verdade Deus tem contrariado o desejo do nosso Augusto Monarcha, oprimindo a uns com a fome e outros com a peste e a todos com o desgosto.

Com tudo em quanto tivermos um Monarcha, que reina em Portugal pela legitima successão e no coração dos subditos

deixo! amanhã havemos de comer perdigão... por força.

Sisnando estava tão emperrado n'este projecto, que não houve dissuadi-lo.

« Nesse caso — terminei eu, capitulando com o pyrrhonismo do meu amigo — vamos á Cisterna. Enquanto envotas as cotovias, irei eu raver as ruínas da velha cidade. — Está dicto.

II.

Na madrugada do dia seguinte, trepavamos a ingreme ladeira do monte, precedidos de Genu que levantava quantas passatrol-as encontrava, e seguidos de Domingos, um digno aldeão d'aquelles sitios que eu recrutára, para nos guiar pelo trilho menos difficil.

Quando vinguei o cimo do monte, a primeira coisa que fiz foi sentar-me e facilitar ao coração a systole e diastole de aquella arrancada violenta me tinha excessivamente alvorocado. Sisnando, fascinado pela ideia do seu perligão, lá foi esbofando, sem me dar cavaco. Deixei-o ir. O aldeão, que vinha retardado, chegando ao pé de mim, optou silenciosamente pelo meu auxilio e estacionou perto, amando os queixos contra o esajado de que se ajudára até então na subida.

« V. s.ª não quer saber de caça? — disse-me elle com uma vós tao desaffrontada que me

pelas suas excelsas virtudes devemos aguardar, sempre esperançosos, dias de ventura e felicidade.

A tempestade só finda depois que estala o trovão, e é entao que o ar se torna puro e diaphano.

Se até agora temos sido companheiros na desgraça tempo virá em que havemos de sel-o na prosperidade.

GUIMARÃES 27 DE JULHO.

O snr. Conde d'Azenha na sua proclamação aos habitantes do districto, cuja administração lhe foi confiada, faz-lhes crer que não poupara meios de ministrarlhes todos os melhoramentos moraes, e materiaes, que a necessidade reclama, e a civilisação aconselha.

E' espinhosa a tarefa, de que se encarregou, pelos obstaculos que tem a alluir e derribar para lhe dar cabal desempenho; como, porém, perseverança e vontade tudo vencem, esperamos que o nobre conde não se mostrara frouxo no emprego d'estas duas alavancas, nem trepidará diante de quaesquer barreiras, para não deslisar as promessas tão solemnemente feitas no seu programma. E' uma divida que contrahio, e que deve satisfazer, tão pontualmente, quanto fôr possível, para interesse da sua honra, e do seu nome, e para felicidade dos povos

fez inveja. — Não... gosto d'esta caça — respondi, ainda acodado.

Domingos riu-se maliciosamente, inculcando penetrar o equivoço. Deixei-o com a sua finura; e, momentos depois, perguntei-lhe, simulando uma ignorancia plena, para espremer d'aquella chronica ambulante todos os esclarecimentos possiveis: « não é aqui que se conta ter existido uma cidade?... — E' sim, senhor: uma cidade de Mouros. « De Mouros?! — Sim, senhor. » Como sabem vocês que era de Mouros? — Dizem que ha livros que fallam d'isto; e conta se até que houve quem os visse. » Quem os visse?... os Mouros?... — Sim, senhor. Já vai ha muitos annos, mas diz-se que houve alguem que desceu por uma mina que alli ha mais adiante e que vai ter ao rio d'Atte. O que lá foi entrou, entrou, e, chegando lá muito fundo, viu quatro homens, de mitras, por dentro d'uma grade, com muito dinheiro diante d'elles e a bater m com martellos. Mais o que foi se chegava, mais os quatro homens se affastavam; mais se chegava, mais se affastavam. Eram Mouros. O homem sabiu, cheio de medo; quiz voltar lá com ouros, mas não defam com o sitio. « Essa é boa! — exclamei eu, mais pasmado do destempero da narrativa. — Então, que diabo faziam os quatro Mouros com martellos... por dentro das grades?... — Isso lá... é que ninguem sabe

FOLHETIM.

CRENDICES.

I.

O mez de Julho de 1855 passei-o nas Caldas das Taipas, na companhia do meu amigo Sisnando — personagem muito recommendavel, de quem fallarei largamente nas Recordações, que estão na forja.

Sisnando tinha uma cadella, que dava pelo nome de Genu, velha como Mathusalem e trabalhada de todos os achaques, proprios dos macrobios de todas as raças animaes.

Um dia, o meu amigo amanheceu com a veneta de ir ás perdizes.

« Como diabo queres tu ir ás perdizes... sem cão?! — perguntei-lhe eu, meio espantado da lembrança. — Sem cão?! pois, não tenho a cadella?... Ora! uma cadella que tem tres sentidos de menos! que nem vê, nem ouve, nem cheira!... — Estás redondamente enganado! não sabes o que alli está!... Imagino. Além d'isso, é meiz defezo; irás incorrer na furia dos Nemrodex d'estas cercanias e desaccatar a sanctidade da lei. Deixa-te d'isso. — Qual

que administra, felicitada le que s. ex.ª mostra ser o alvo, a que mira attentamente, por que bem sabe quanto são dignos d'ella aquelles cujos destinos o governo lhe confiou.

Que a administração de s. ex.ª deve ser paternal, tambem nós o eremos, porque sem essa circumstancia seriam irrisorias as promessas que nos faz de uma auctoridade tutelar, e nós entendemos que, quando assignou o seu programma, estava animado das mais firmes tenções de traduzir em factos os pensamentos alli expendidos; mas, para que o seu governo seja verdadeiramente paternal, é necessario, pelo menos, que ponha todos os seus administrados no mesmo gráo de prosperidade relativa; que os beneficios que alguns gosam, ou vierem a gosar dentro do tempo da sua administração, sirvam de padrão á medida dos que houver de repartir pelos outros; e que dê aquelles, que ainda não têm experimentado a benéfica protecção da auctoridade, os commodos e melhoramentos que alguns já disfructam ha muito.

Se, como é de justiça, fôr esta a norma do procedimento de s. ex.ª, não duvidamos que os povos deste concelho, e dos de Fafe, Cabeceiras e Celorico de Basto, hão-de merecer a sua especial attenção, pois em todo o districto são estes os que menos têm saboreado o fructo da civilisação, e que por isso mais precisam ser aviventados pelo bafejo animador das auctoridades superiores.

Ninguem ha hoje que ouse pôr na tela da discussão este ponto, já debatido até á sociedade. E com razão, pois na verdade que se tem feito em favor da instrução popular d'estes concelhos? que meios se tem empregado para os dotar d'esse pharol que guia os povos ao templo da virtude, aperfeiçoando-lhes a razão, re-freando-lhes as paixões, fazendo-lhes conhecer os seus direitos e os seus deveres, e tornando-os uteis a si e á sociedade? Poucas e bem poucas são as cadeiras de instrução primaria, que ha em todos estes concelhos, e por isso os seus habitantes não podem, quasi na totalidade, partilhar dos beneficios que ella des-

penha, resultando d'aqui não melhorarem os seus habitos, e costumes.

E' esta a perspectiva que se offerece a quem enxerga o quadro dos melhoramentos moraes: não fica, porém, melhor impressionado o que lançar a vista para o dos da ordem material.

Estes povos, bem conhecidos pela amenidade do clima, e fertilidade do solo que habitam, têm sido victimas do mais cruel indifferentismo, digamos até, do mais criminoso desprezo. Nunca se acquiesceu aos seus desejos de progresso, nem se animou a sua agricultura, nem se protegerão as suas manufacturas. Lembrados, apenas, em tempos de eleições, e de cobranças de contribuições, são ultrajados, se pedem ás auctoridades super ores que lancem para elles as suas vistas, mais ai-la, são motejados, se pretendem ter parte nos beneficios que se prodigalisam a outros, que, se não têm menos, terao igual jus a elles. Meros espectadores a quantos melhoramentos se fazem nos concelhos que os cercam, estes povos não podem levar aos centros do movimento commercial os fructos das terras que amamham, e os artefactos que fabricam, porque as estradas, que os communicam com as praças, a que mais lhes convém levar as suas mercadorias, são sorvedouros da fortuna dos cidadãos, e precipicios, que causam horror a quem os encara.

Não se julgue que é o interesse da terra natal que nos leva a fallar assim, ou a paixão o que nos dicta taes expressões. Se almejamos vêr estes concelhos nadarem n'um mar de prosperidade, tambem nos sentimos com forças de suffocarmos estas vozes, se não fossem a expressão da verdade. Se appellarmos para o testemunho dos que têm percorrido as estradas que cortam estes concelhos, não podemos ouvir outra cousa, porque a verdade é uma só. Elles nos pintarão com cores ainda mais sombrias o estado da estrada que liga esta cidade com Traz-os-Montes, mormente o da linha que atravessa Fafe e Basto. Mas precisamos nós do testemunho dos outros para julgarmos do lastimoso

estado das vias de communicação que cortam os quatro riquissimos concelhos, cuja sorte deploramos? Não temos, quasi á vista, uma que nos habilita a ajnismos do estado das outras? Qual de nos não tem andado a que communica esta cidade com a de Braga? Não será um verd'iro sorvedouro de vidas e fortunas? Quem ao caminhar por ella não pensará mil vezes na morte? O novo governador civil, que ainda ha pouco percorreu, não pôde deixar de confessar comnosco que o melhoramento d'ella, ou a construcção de uma, que ligue as duas cidades, é a obra mais necessaria e urgente de todo o districto.

Ao passo que terras de pouca importância vivem em estreita uniao, consequencia das boas estradas que as communicam, Braga e Guimarães, as duas cidades mais populosas, ricas, e industriosas da provincia, e a distancia de tres pequenas legoas, vivem quasi divorciadas, porque a que hoje ha é uma insuperavel barreira á mutua convivência entre os seus habitantes. A factura d'ella é reclamada não só pela viva e immediata vantagem da facilidade e augmento das relações commerciaes entre as duas povoações, mas até porque é uma parte da que ha-de ligar o Minho com Traz-os-Montes. Se alguem, houver que negue a força da primeira razão, não o fará de certo com relação á segunda; ambas, porém, reunidas são motivos sobejos para despertar a inercia do novo governador civil, quando o não instigasse o amor que deve consagrar á sua patria, ao seu nome, e á sua palavra asseliada pela fé de solennes promessas.

Se, pois, o programma do snr. Conde d'Azenha é a viva expressao das suas idéas, como devemos suppor, a estrada entre Guimarães e Braga deve ser o melhoramento de que primeiro se deve occupar, como o mais urgente e reclamado em todo o districto, o que dá mais força á justiça da causa que advogamos, e justiça e melhoramentos são-nos promettidos por s. ex.ª.

E' certo, porém, que esta obra, além

Guardariam o dinheiro; e que ha aqui muito dinheiro, diz que ha: Está em livros. Uma vez, vieram aqui uns, com um livro encantado; fizeram uma cova muito funda, mas chegando a certa altura, diz que foi uma tal trabuzada de trovões, que largaram a fugir. Mas que ha grandes riquezas, ha; por que ahí está ainda um cazeiro de v. s.ª que tinha uma avó que encontrou, no rio Cavallo, que nasce por aqui perto, uma galleira (leia colleira), com seus feitos. Foi vendel-a a Guimarães e deram-lhe por ella trinta mil réis. Sabe Deus o que ella valia!

Domingos contava tudo isto com a melhor boa fé, mas, retalho de chronica cortada pela traca e pela desmemoria, o bom do lavrador não stava cousa com cousa.

A historietta mais completa que pude obter foi a seguinte:

— Isto foi ha muitos annos — disse elle. Os Mouros levaram um rapaz, ahí de Domim, que tinha casado, ha poucos dias. Tiveram-no lá na Mourama um anno, e, no fim do anno, um d'elles disse-lhe: « tua mulher vai casar amanhã. » O rapaz ficou muito triste, e o Moura tornou-lhe a dizer: « quanto davas tu, se te visses dentro d'um minuto lá na tua terra? » O rapaz que não tinha dez réis, para mandar tocar um ceço, respondeu que não podia dar nada. « Pois — disse-lhe o Moura — escusas de

dar nada; se juras fazer uma cousa que te eu mandar, ponho-te lá n'um minuto. » O rapaz, custava-lhe a acreditar, mas prometteu jurar, se não fosse cousa que lhe fizesse mal á alma. « Não te faz mal á alma. » — Nesse caso, jurou. « Has-de fazer isto. Amanhã, antes de nascer o sol, irás á veiga de tal e disse-lhe o nome; está lá uma pedra branca; has-de pegar n'ella e atiral-a ao rio. Mas, se não fazes o que promettes!... » O rapaz prometteu e jurou. « Bem; agora escolhe; em qual queiras ir; no cavallo de vento, ou no do pensamento? — O rapaz escolheu o do pensamento, e appareceu-lhe logo um cavallo que deitava fogo pelos olhos e pela bocca. « Assim que lá chegares, ouve bem — disse o Moura — depara-te n'um dos ramos da figueira que tens á porta e diz assim: arre burro com todos os diabos! Onviste? — Ouvi, » ora vai.

Mal o rapaz montou em cima do cavallo... aquillo era fugir que nem sabia por onde ia nem por onde não ia. Em quanto o diabo esfrega um olho, viu-se á porta de casa. Pendurou-se como o Moura tinha mandado, n'um dos ramos da Figueira e disse: arre burro com todos os diabos! O cavallo deu um estouro e desapareceu, como cousa má... »

Aqui Domingos sorriu com um sorriso que tinha seu que d'incrédulidade.

continhou elle — o rapaz ouviu tocar e cantar muito dentro de casa. Bateu á porta; chamou. Fallou-lhe de dentro a voz da mulher, mas, por mais que elle dissesse que era o seu homem, a mulher não qu'ria acreditar; dizia que o seu homem tinha sido levado para a Mourama. Até que o rapaz lembrou-s que tinha amidade d'um anel; metteu-o por baixo da porta e disse-lhe: vê lá se essa é a amidade do anel que eu parti para te dar. Então a mulher viu que sim; abriu-lhe a porta e despediu a gente. No outro dia, de manhasinha, o rapaz foi á veiga de que os Mouros lhe tinham fallado, e en'ontrou lá a pedra. Diz que era uma pedra, muito branca, que os lavradores d'aquelles campos costumavam pôr na grade, quando lavravam. Pegou na pedra; chegou ao pé do rio e atirou-a com ella á agua. A pedra ficou na tona; abriu-se e appareceu, sentada n'ella, uma Moura, diz que mais formosa que o sol, a pentear-se e a cantar muito contente, porque ia para a sua terra. E lá foi pelo rio abaixo.

O narrador callou-se a eu faço o mesmo, porque a tira está a acabar. Algum disparato mais que havia a acrescentar é de menos interesse ainda.

III.

E Simão? e o perdigão? Permitta o leitor que lhe nao responda.

da influencia do illustre governador civil, demanda recursos pecuniarios, de que s. ex.^a não póde dispor; mas essa razão não o póde eximir da responsabilidade que contrahiu. Compulse a historia dos seus antecessores, e n'ella verá o expediente que elles adoptaram em casos analogos. O nobre Conde de Villa Pouca em tempos, em que a vantagem das boas estradas não era tão reconhecida dos povos, como hoje, tentou obter, dos seus amigos, meios para a factura d'esta, e obteve-os facilmente; e o não se ter feito então, deve-se ás idéas que dominavam nos conselhos da corôa. Verdade é que o illustre conde, cuja falta, para nós ainda não resarcida, hoje deploramos, tinha amigos sinceros. O snr. D. Rodrigo de Menezes não tinha a confiança dos povos, e contudo, sorcorrendo se ao patriotismo d'elles, alguns meios obteve.

Siga, pois, s. ex.^a o exemplo dos seus antecessores, recorra aos habitantes de Braga, e aos seus patricios, onde parece que conta amigos, e, como amostra fiel da sua sinceridade e dedicação, conseguirá o que fôr necessario para a factura d'esta estrada. Impressionados, como estão, da necessidade e vantagem d'ella, os seus ardentés campeões ambicionam até uma occasião de poderem mostrar que estão promptos a fazerem quaesquer sacrificios que contribuam para o engrandecimento do nome de s. ex.^a

Parece-nos impossivel que o snr. governador civil possa resistir a tal conjunto de incentivos, e tremenda responsabilidade lhe caberá, se não se aproveitar d'este ensejo, para dotar o districto a seu cargo de um melhoramento, inquestionavelmente mais urgente. Supponmos que o aproveitará para que, mais tarde, o não atormentem as puas do remorso.

Uma consideração para nós de muito peso lhe fará de certo metter hombros á empreza: é a sentença da sua administração. Esta tem de ser julgada no pelourinho da opinião publica, e o desprezo d'esta conjunctura propicia ha-de, pela sua importancia, fazer pender muito a cui da balança que fôr occupada pelos actos menos meritorios. Nós, que havemos de ser do numero dos seus julgadores, não nos serviremos da espada da justiça, para contrabalançar o pezo, collocando a na das boas accões, senão para, com a inflexibilidade que nos caracteriza, cortarmos por onde o dever nos aconselhar.

Queremos energia e vontade, e dispensamos programmas; mas já que s. ex.^a poz o seu no dominio do publico, lavraremos a sentença, conforme a execução que lhe der.

Aguardamos o tempo, e os factos.

F. B.

CORRESPONDENCIA.

Snr. Redactor.

Rogo-lhe o obsequio de inserir no seu acreditado periodico essas quatro linhas, ab aizo transcriptas, para conhecimento

publico, pelo que lhe ficará sempre grato, quem é

De v. constante leitor

Antonio José Ferreira Gomes.

Gondomar 22 de Julho de 1859.

Equivoico ia isculpavel. Ao abbade de Gondomar d'est. concelho de Guimarães foi-lhe entregue no dia 17 do corrente um escripto de aviso para ir pagar á Recebedoria réis 18404 de um tributo, no dia immediato pediu ao seu conhecido amigo d'aquella cidade para de prompto satisfazer; no dia 20 responde-lhe = que era um novo imposto de cavalgadura = á vista disto o parcho ficou estupefacto e com razão, porque faz para Setembro futuro 15 annos, que não tornou a ter do genero neutro, nem se lembrou que a lei o havia de agora comprehender, afim de vêr se pela altura se achava excepcionada a sua ega: é verdade que desde então tem andado bem cavalgado, mas é no seu dinheiro, e nos animaes, que sustentam os seus parentes e amigos.

Ou seja no Administrativo, ou na Fazenda deve haver mais exactidão a futuro na repartição tributaria, não se informarem com galopins d'esta aldeia, nem confiarem de mais em alguns subordinados, porque a responsabilidade recahe sobre a respectiva auctoridade. Attenção = ha n'esta parochia dez proprietarios, que têm cavalgaduras suas, e alguns a duas, pagando o parcho tributo de burro sem ter burro, devem os parochianos pagar o triplo em regra de proporção, de outra sorte teremos infracção de lei, burla, e.....

Gondomar 22 de Julho de 1859.

Antonio José Ferreira Gomes.

EXTERIOR.

Nada ha por em quanto de interesse sobre o objecto d'esta sessão; apenas se sabe que a paz de Villa Franca foi mal recebida na Italia e que depois da primeira impressao o foi tambem em Inglaterra. Não se sabe positivamente como ella foi olhada na Prussia e nada transpira por em quanto que nos habilite a julgar da impressao que havia de causar na Russia. O que é certo é que ao passo que a Alemanha se desarma, a Inglaterra mostra a maior energia no emprego dos meios de defeza.

O «Times publica um despacho em que diz que os representantes d'Austria, Franca, e Sardenha se reunirão brevemente em Zurich para arranjar todas as questões que ficaram pendentes com o tratado da paz. Parece que os dois imperadores resolveram que os plenipotenciarios das potencias neutras não tomem parte n'este congresso.

Alguns ha que vêem n'esta deliberação a união dos imperadores da Franca Austria e Russia, para asoberbarem a Europa, retalhando-a a seu belprazer; e fazem declinar a estrella da Inglaterra.

Se, com effeito, é este o pensamento

que recear, e a paz, que a Europa hoje disfructa, não será mais que o preludio de uma grande guerra, cujos funestos resultados não é facil prever. O que é certo é que a Inglaterra, com os meios que emprega para a sua defeza, mostra grande receio de que venha a ser inquietada.

NOTICIARIO.

ZELADORES. — Consta-nos que, ha um mez, pouco mais ou menos, os zeladores foram esperar a ponte de Pombeiro as mulheres que costumam trazer á cidade o pão de Ovelhinha, e com o pretexto de que não tinha o pozo devido, exigiram a cada uma 500 réis.

A ser verdade, como nos asseveram e consta a alguns membros da camara, esperamos que ella se apresse a fazer castigar severamente estes delapidadores da fazenda dos pobres.

ANNIVERSARIOS. — Faz domingo 33 annos que foi jurada a Carta Constitucional. No mesmo dia completa 47 annos S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança.

EXPROPRIAÇÕES. — Foram finalmente pagas as dos Pombaes. Querera isto dizer que a estrada de Villa Nova vem entrar n'aquelle ponto da cidade, e que está cortado o nó gordio que enredava a continuação das obras?

Deus o queira.

LICENÇA. — Ha poucos dias um contratador de milho, tendo comrado algum ao ill.^{mo} Manoel Coelho da Motta Prego, foi avisado para não o carregar, porque o snr. Administrador não consentia que o levasse. A' vista d'isto o pobre homem procurou a auctoridade, e perguntou lhe se a ordem, que lhe havia sido communicada, tinha sido dada por s. s.^{as}. Estupefacto, por vêr que assim se abusava do seu nome, o snr. Administrador respondeu-lhe que não tinha dado nem podia dar semelhante ordem, mas que apesar d'isso se dirigisse ao snr. Fiscal da Camara, porque talvez dimanasse d'ella. Assim o fez. Não é necessario, porém, dizer qual seria a resposta do snr. Varilla. Todos que o conhecem ha-de crer que esta estravagancia o surpreendeu, e que elle fez saber ao contratador a burla que ella acobertava.

Desenganado o homem de que a supposta ordem era um anzol lançado á sua bolsa, dispõe-se a carregar o milho, quando dous officiaes de diligencias, por alcuinho, Cadeiras e Carranqueta, e um barbeiro, chamado Roriz, lhe dizem que o sr. Juiz não permitia que o milho saísse. Parecia-lhe incrível o que ouvia, mas não havia que duvidar. Eram officiaes de diligencias os que da parte do snr. Juiz communicavam a ordem. Ella podia ser falsa, e na verdade o era; mas a prudencia mandava obedecer, e por isso não havia remedio senão deixar de carregar. Assim o fez.

Na narração d'este crime não ha muito que admirar: o que parece incrível é que aquelles que assim abusaram do nome e poder das auctoridades, embaraçando um homem de ganhar licitamente a sua vi-

da, e pondo peaz ao commercio permittido, ainda não tenham sido perseguidos.

ARRAIAL. — Segunda feira houve na Costa, a um kilometro d'esta cidade, o arraial que alli costuma haver todos os annos em dia de S. Thiago. Esteve muito concorrido da gente do campo e da cidade. Notou-se a falta da ronda de S. Torquato. Não sabemos a razão d'ella. Tres musicas tocaram a seu turno nos adros que ha em frente da igreja.

ROMARIA. — Domingo ha-de ter lugar a romaria de N. S. da Penha.

Pena é que a devoção dos vimaranenses não se tenha inclinado para aquelle sitio, tornando-o tão aprazivel, e delectoso como é possível, offerecendo d'esta sorte as comodidades necessarias, n'aquelle lindissimo lugar, a quem a romaria ou a perspectiva de um rico panorama convida a subir aquelle elevado monte.

BANDO. — Sexta feira passada sahio um bando, que percorrendo as ruas do costume, convidava os habitantes do concelho a trajarem, pela morte da rainha a Senhora D. Estephania, tres mezes de luto pezado e tres aliviado. A camara, com a bandeira enrolada e em funeral, acompanhava o bando. Uma musica, durante o transitio, tocava algumas peças funebres.

ROMARIAS. — Amanhã, dia de Santa Martha, ha uma romaria na proximidade da Falperra, e outra nos Pombaes na capella de S. Lazaro.

OBRA D'URGENCIA. — Ninguem, que tenha d'uso ir para as Taipas, tem por certo deixado de notar que, apenas alli chove um ou dois dias, o despejo dos banhos se torna impossivel. A causa é obvia. O rego d'escoimento vai, a breve distancia, juntar-se a um ribeiro, cujo leito plano inferior fica em nivel á area dos banhos. Sendo assim, facil é de ver que com o mais pequeno engrossamento do ribeiro as aguas do rego ficam represadas e o despejo das Caldas sem poder effectuar-se. O prejuizo que isto causa aos banhistas, e principalmente áquelles a quem os seus negocios obrigam a ir para lá com dias contados, não carece de que o encaregamos. E, pois, d'absoluta urgencia a abertura d'uma valleta que de separadamente vasaio ás aguas ftertoaes. Mas não para aqui tudo. A altura do alveo do Ave no sitio, onde a valleta devera desembocar, talvez sirva ainda d'impedimento á agua vinda dos banhos logo que pelo prolongamento das chuvas o rio cresça. Todos estes embaracos, porém, cessam com o alagamento de uma levada que está levantada pouco abaixo da ponte.

Seja, como fór, é necessario que se verifique esta obra. A camara incumbe mandar examinar isto por uma pessoa tecnica, e proceder segundo ella.

DOENÇA. — Está doente o nosso estimavel amigo, o sr. dr. Fernando, que era um dos redactores d'este periodico. Sentimos do coração os seus incommodos e desejamos que o restabelecimento da sua saude seja prompto para que os nossos leitores não tenham de soffrer por muito tempo a falta d'aquella bem appareada penna.

AGRADECIMENTO. — Agradecemos ao sr. commendador Manoel Joaquim d'Azevedo Vieira o folheto que teve a bondade

de de nos remetter, contendo algumas das peças do seu processo.

O sr. Azevedo Vieira foi absolvido por unanimidade no tribunal da Boa-Hora em 30 de Junho, e a julgar pelo que teos diante dos olhos não podia deixar de o ser sem flagrante injustiça.

NAUFRÁGIO. — O vapor «Duque do Porto», (diz o Porto e Carta) naufragou hontem em Peniche — salvando-se todos os passageiros e tripulação.

INCENDIO. — Hontem pelas 3 horas da tarde houve em Santo Antonio das Taipas um incendio em uma casa colmada, sita no logar da Galiza. Porque se lhe atalhou muito a tempo o fogo não passou á casa contigua, que era de telhado; mas não esteve longe d'isso.

Na desprevenção, em que esta localidade está, um fogo é quasi sempre inapagavel. E realmente d'estrachar que, havendo por alli bastantes proprietarios de soffivel fortuna, se não unam para, a expensas comuns, comprarem uma bomba, que entre todos, de pouco dispendio era, e muitas vezes podia garantir-lhes uma grande parte dos seus haveres talvez. Só quem desconhece as tristes consequencias que traz consigo tantas vezes um incendio é que pôde impugnar a necessidade d'estas precauções, e recusar-se a concorrer para ellas, nas suas terras, quando distantes da cabeça municipal, visto que aos municipios não é possível estabelecer-as em todas as localidades.

PREÇOS DO MERCADO.

SABBADO 23 DE JULHO DE 1859.

Trigo (alqueire)	960
Centio	480
Milho grosso branco	590
Dito amarello	580
Dito miudo (ou alvo)	800
Feijão amarello	1\$000
Dito rajado	960
Dito fradinho	720
Painço	640
Batatas	200
Tremoços	800
Azeite (almude)	4\$800

AGRADECIMENTO.

D. Maria Isabel de Barros Faria e Castro, seu marido Manoel Joaquim Peixoto da Costa, e seu cunhado Torquato de Barros Faria e Castro, sumamente penhorados pelos innumeraveis obsequios, que receberam de muitos senhores por occasião do embarque de seus dois filhos e sobrinhos, Bernardo de Barros e Joaquim de Barros para os Estados do Brazil, tomam a liberdade de lhes agradecer os mesmos obsequios por este meio; e mais particularmente ao ill.^{mo} e ex.^{mo} Luiz de Mello Pereira e Sampaio, de quem receberam as mais evidentes e singulares provas d'amizade sincera; e protestam a todos eterna gratidão. (6)

ANNUNCIOS.

INSTITUTO BRACARENSE.

Com este titulo, o sr. J. R. Mesnier acaba de fundar na cidade de Braga um collegio para alumnos do sexo masculino. As materias d'ensino são leccionadas por professores nacionaes e estrangeiros habituados ao ensino da mocidade.

O local escolhido é muito sadio e o mais adequado para semelhante instituição. E a casa apalaçada da Madre de Deus.

As pessoas que quizerem obter o programma do Instituto podem dirigir-se ao sr. J. R. Mesnier, fundador e director da Companhia Geral Bracarense, ou ao escriptorio d'esta redacção. (4)

QUEM quizer arrematar os bens do Penedo de baixo, na freguezia de S. Romão d'Arões, comarca de Fafe, vai á praça voluntariamente no dia 31 de Julho corrente de 1859, as 9 horas da manhã, no Tribunal da mesma comarca. Qualquer pretendente pôde apparecer as horas e dia marcado.

Como procurador de seus paes

Manoel Peixoto de Freitas.

(23)

PELO Juizo de Direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão Bento José Ferreira Porto, em data de 27 do corrente mez de Julho, a requerimento d'Antonio José Ribeiro, do logar do Xisto, freguezia de Ravinhade, comarca de Felgueiras, se passaram e afixaram editos de 30 dias a citar e chamar todas as pessoas e credores incertos d'Angelica Maria Pereira e marido Gaspar José Pinto, do logar da Fornalha, freguezia de S. Christovão d'Abbaço, d'esta comarca que se considerem com direito á propriedade denominada da Fornalha com todas as suas pertencas, situada no logar d'este nome e referida freguezia; a qual foi rematada em hasta publica em 17 do referido mez pela quantia de 325\$000 réis que se acha em deposito, ou a esta mesma quantia pena de revellia e lançamento, ser julgada ao rematante livre e desembargada a mesma propriedade, e ser entregue aos exequentes orphaos que ficaram de Manoel da Costa e mulher Josepha Maria, moradores que foram no logar do Pôco, freguezia de Santa Eulalia de Pentieiros representados em Juizo por seu tutor, a mencionada quantia preço da mesma rematação. (26)

CURSO completo das linguas ingleza e franceza em 60 lições, por um professor estrangeiro. Cada lição por 300 réis. As 30 primeiras são pagas adiantadas. O professor irá ás casas particulares aonde fór chamado. Quem quizer falle no escriptorio d'este jornal. (27)

EM casa de José Joaquim Gonçalves de Faria na Rua dos Mercadores, n.º 18, ha um deposito de carvão de gaz e vende-se a preço de 200 réis cada arroba. (25)

AVISO.

Todas as pessoas que quizerem assignar este periodico entregat correspondencias, annuncios, ou pagar a importancia d'assignaturas, correspondencias ou annuncios, podem dirigir-se a José Mendes Leite, a Senhora da Guia n.º 5.

RESPONSAVEL.— JOSE LUIZ ALVES VIEIRA.

GUIMARÃES. — TYPOGRAPHIA VIMARANENSE. Rua do Gado n.º 8.